

RODOLFO E SIMÃO: NOSSOS MÁRTIRES

Há 3 anos, às 11 horas da manhã do dia 15 de julho de 1976, a Colônia Indígena de Meruri, no município de Gal. Carneiro, no Oeste do Mato Grosso, foi atacada por 62 fazendeiros, alguns embriagados, armados de revólveres e facas, chefiados por João Marques de Oliveira (vulgo "João Mineiro"). Eles haviam interrompido - através do uso da força - a demarcação das terras dos Bororo, que havia sido determinada pela própria FUNAI. E estavam iniciando um ataque premeditado em uma reunião na noite anterior, para reivindicar, pelas armas, as terras dos índios que o então prefeito de Barra do Garças, Valdon Varjão, grileiro e dono de cartório, lhes havia "vendido".

Há 3 anos, às 11 horas da manhã do dia 15 de julho, a sede da Colônia estava praticamente vazia, pois a maioria dos índios Bororo estava na roça ou caçando; com eles, trabalhando na destoca de um cerrado, o pe. Rodolfo Lunkenbein, missionário salesiano de 37 anos. Os fazendeiros insultaram e agrediram o pe. Gonçalo Ochoa, ali presente. Com a chegada do pe. Rodolfo, as agressões se voltaram para este último, a quem responsabilizavam pela perda de

"suas" terras. Pe. Rodolfo tentou contemporizar, mas foi agredido verbalmente. Em seguida, dispararam sobre o seu corpo 5 tiros, matando-o na hora. O índio Simão Cristino, que tentou defendê-lo, foi também morto, baleado e esfaqueado. Outros quatro Bororo foram feridos. Os assassinos continuam impunes.

Hoje, julho de 1979, o Porantim dedica este número aos mártires da causa indígena: Simão, Rodolfo, pe. Burnier e tantos outros caídos no combate pela defesa da terra e da cultura indígena. Uma cortina pesada de silêncio - aliado com o passar dos tempos - insiste em tentar apagar seus nomes da nossa memória, mas nós não vamos esquecê-los nunca.

Com este objetivo de reavivar a nossa memória, fizemos uma série de pequenas entrevistas com diferentes setores da sociedade amazonense: índios, operários, domésticas, advogados, religiosos, políticos, professores e estudantes; estamos reproduzindo também algumas declarações feitas na época por diversas personalidades atuantes na sociedade brasileira. A pergunta formulada aos entrevistados foi

"Qual o significado da morte do Índio Simão e do Pe. Rodolfo?"

ÍNDIOS: A LIÇÃO

Feliciano V. Lana (Dessana do rio Tiquê - Alto Rio Negro). "A grande lição foi a experiência. Em todos os casos, primeiro a gente apanha, na segunda vez a gente já sabe. O pe. Rodolfo morreu porque lutou contra os caçadores de bens, os fazendeiros. Animal rancoroso é o Urso e o tigre que matam outros animais. A mesma coisa aconteceu em Mato Grosso, onde os fazendeiros estão contra o índio. Não é a primeira vez; também no rio Tiquê tinha um cara - o Manduca - que era Inspetor dos Índios. Era um chefe avarento. Ele dizia que índio tinha rabo e mentia para explorar mais, para ganhar dinheiro. Matou muita gente.

Geneveva (bororo, irmã de Simão) "Dos oito filhos de Tereza sobrou Simão e eu, Geneveva Borobotou. Todas as tardes sentava e brincava com crianças no pátio da aldeia. Simão gostava das crianças. Era muito paciente e nunca zangava".

Eugênio Aidji (bororo) "Simão era muito bom. Todos tinham muita estima por ele, porque estava disposto para tudo. Ele era o pedreiro da aldeia de Meruri. Construiu as casas. Fez a maioria dos fogões nas casas dos Bororo. Era muito unido com o pe. Rodolfo na defesa da terra. Falava pouco. Quando estava para morrer, ele sabia que ia morrer, mas morreu tranquilo".

Bruno Mariano (bororo) "Pe. Rodolfo, que o teu sangue se transforme em união da comunidade bororo. Você que deixou saudades através de tanto benefício e tanto sacrifício. Você grande homem de alta qualidade, que o mundo copie o seu grande exemplo de Cristo".

Tribae Ewororo (bororo Lourenço Rondon) "O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo e os rios cresceram e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas".

BISPOS: IGREJA ÍNDIA

D. Paulo E. Arns (Cardeal de S. Paulo): "Acho que é uma falta muito grande que o pe. Rodolfo não esteja no Documento de Puebla, que o pe. Burnier não esteja, todos os bispos da Argentina, do Chile, esses leigos, os índios e todos os mais que morreram em defesa da justiça. E muitas vezes acusados de serem comunistas ou coisas pelo estilo, mas que deram a vida como Cristo deu para os pobres".

D. João de S. Lima (arcebispo de Manaus): "O sacrifício do pe. Rodolfo é mais uma prova da dedicação da Igreja, através dos seus missionários, em favor dos índios do Brasil. Que o sangue do heróico missionário seja um incentivo para a luta em prol do nosso índio, ainda tão marginalizado".

D. Milton Pereira (arcebispo coadjutor de Manaus): "É um símbolo da dedicação da Igreja à causa do índio, dedicação que se verifica desde os tempos coloniais aos dias de hoje, esforçando-se por tornar-se mais realista e mais inserida na história do índio".

D. Jorge Marskell (bispo de Itacoatlara): "Eu conheci o pe. Rodolfo numa reunião da CPT em Goiânia em 1975. Ele era um homem dedicado à

causa indígena e um homem muito santo, muito santo mesmo. Quando eu soube da morte dele, eu não fiquei triste neste sentido de "coitado" e coisa e tal... O que me animou é que um homem que estava sempre à serviço dos pobres, dos índios, dou a vida dele como Cristo deu a vida".

D. Pedro Casaldáliga (bispo de S. Félix do Araguaia) "15 de julho é uma data histórica na História da nova Igreja Missionária. Rodolfo e Simão são mais dois mártires, desfeitos no amor, segundo a palavra do Cristo: o índio deu a vida pelo missionário. O missionário deu a vida pelo índio. Para todos nós, índios e missionários, este sangue de Meruri é um compromisso e uma esperança. O ÍNDIO TERÁ TERRA. O ÍNDIO SERÁ LIVRE. A IGREJA SERÁ ÍNDIA".

SALESIANOS: OPÇÃO

D. Miguel Alagna (salesiano, Bispo do Alto Rio Negro) "Eu não posso falar porque não estava no Mato Grosso. Há 10 anos eu não piso lá. Trabalhei 29 anos em Corumbá, mas nunca fui na Missão. Conheci o pe. Rodolfo como clérigo, quando vinha fazer o retiro. Era um homem muito bom".

José Benedito - Seminarista salesiano (no momento das preces da comunidade na missa do pe. Rodolfo) "Por nós da Congregação Salesiana que perdemos um irmão, para que a luz de Deus nos faça reconhecer nossos erros, nossas indecisões, nossas acomodações, no passado e no presente e nos conscientizemos, todos nós salesianos, da opção que fizemos em favor dos pobres, abandonados e injustiçados e lembrando que o índio Simão morreu para defender o padre, não tamamos perder nossas honras, nossas fomas, nossos prédios, nossas vidas, rezemos ao Senhor".

Pe. José Sagties (salesiano, da Prelazia de Humaitá) "Para mim é um sinal profético, de esperança para a luta indígena. Cada vez se leva mais a sério a causa indígena e o sangue do pe. Rodolfo contribuiu para isto. A absolvição dos criminosos pela justiça não é correto, não corresponde de forma alguma a um país que pretende ser democrático e administrar a verdadeira justiça".

Pe. Walter Bini (Ex-pres. da Missão Salesiana do Mato Grosso)... "Que o sangue derramado e o sofrimento de tantos frutifiquem em dias melhores para os índios, para todos os moradores da região e para os missionários, na procura comum da justiça, da união e da verdadeira paz".

Pe. Gonçalo Ochoa (salesiano, ex-vice diretor da Colônia de Meruri): "Como Superior, pe. Rodolfo soube formar um grupo de trabalho profundamente comprometido com a comunidade indígena, seguindo as linhas pastorais do Concílio Vaticano II e da pastoral renovada da Igreja Missionária. Soube respeitar, conhecer, valorizar e reavivar a cultura indígena, como elemento básico para uma verdadeira evangelização. Estudou o modo de proporcionar aos meninos Bororo, a possibilidade de terem uma escola própria que favorecesse melhor os padrões culturais da tribo. Seu corpo ficou ali estendido no meio do pátio da Missão, como cordeiro sacrificado pelo seu povo. Ao sangue do pe. Rodolfo, misturou-se o sangue do Bororo e, em

nome de todos eles, Simão, que soube amar de verdade, deu sua vida para defendê-lo".

OPERÁRIOS: A LUTA

Claudete Almeida (operária da CCE no Distrito Industrial da Zona Franca) "Eu acho que quando a gente acha que uma coisa é certa, é justa, a gente tem o mesmo de lutar. Agora, o que significa? Significa a luta".

Rodolfo Silva (operário do D. Industrial da Zona Franca) Ele era meu xará. Eu não estava sabendo dessa história não, mas agora que o sr. está dizendo... Eu acho que ele e o índio foram machos. Cabras machos mesmos. Às vezes, é melhor a gente morrer do que ficar vivendo agachado. A gente está precisando aqui de uns 10 índios e de uns 10 padres como eles dois".

Josino Cavalcanti (operário do D.I. da Zona Franca) Entrevistando junto, com o anterior disse: "É, mas se a gente precisa deles, então a morte deles não foi uma "boa" não. Tá certo. Morreram defendendo a vida, não tinha saída. Mas sangue é coisa muito séria. Se eles estivessem vivos, agora, podiam continuar lutando e fazendo muita coisa. Era muito importante que estivessem vivos, mas fazendeiro é assim mesmo".

POLITICOS: REPRESSÃO

José Fernandes (prefeito nomeado de Manaus) "Eu, na época, me encontrava no exterior, não estive no Mato Grosso, por isso não tenho condições de responder por não estar por dentro do assunto".

Fábio Lucena (vereador da C.M. de Manaus) "Esta morte representa a manifestação da repressão organizada em 15 anos, de um regime de violência contra os setores da sociedade que lutam dentro da lei contra a opressão, e em defesa da restauração democrática. Os exemplos do pe. Rodolfo e do índio Simão são exemplos típicos, de um lado, do setor progressista da Igreja que atenta também aos problemas temporais, busca soluções para os dramas e conflitos, notadamente para os genocídios cometidos pelos latifundiários com a nossa população indígena. A absolvição dos assassinos só pode ser compreendida como a manifestação de uma justiça intimidada, que será revista sem dúvida pelos tribunais superiores do país. A memória dos dois mártires fica como advertência: os verdadeiros brasileiros não devem abdicar jamais da defesa do direito do índio e da luta pela redemocratização do Brasil".

Messias Sampaio (deputado estadual) "O episódio do pe. Rodolfo é o reflexo do regime brasileiro, onde a força sobrepõe a razão e o arbítrio aos direitos humanos: manifestação do poder econômico esmagando os menos favorecidos, numa clara evidência de que os oprimidos e injustiçados não tem vez na justiça, já que os latifundiários foram absolvidos".

UNIVERSIDADE E OAB: OPRIMIDOS

Frelida Bittencourt (diretora do Instituto de Ciência Humanas da UA) "Mais um crime contra

a raça humana, uma vez que embora nos esqueçamos, somos índios e devemos lutar contra os oprimidos indígenas. E isto porque sabemos que somos também de expressão e de idéias, etc. Fazemos comente o jogo dos opressores, quando somos oprimidos. O pe. Rodolfo percebeu isto, e sua morte, com a de Simão, nos ajuda - a nós - a também perceber".

Rosendo Neto de Lima (professor de filosofia da UA) "O assassinato do bororo Simão e do pe. Rodolfo é uma prova irrefutável da política permissiva do governo federal em transformar as terras dos índios em latifúndios; política essa que desabriga, empobrece, fere mortalmente a sociedade no seu todo, visto que o governo manifesta-se impotente para frear as bocanadas do capitalismo na riqueza nacional".

Marilene Ribeiro (professora de sociologia da UA): "As duas mortes confirmam a repressão oficial sobre todos os que representam a luta pela liberação ou que abraçam a "causa perdida" das categorias marginais".

José Paiva Filho (presidente da OAB-AM) "A morte do pe. Rodolfo e do índio Simão representam um grande papel; a partir delas, se luta mais pelos direitos dos índios que devem ser cumpridos. Um papel de grande relevância, pode ter um efeito maior no futuro da causa indígena".

Matilde Hosannah (profa. de filosofia) "Relembrar este fato é torná-lo presente, pois a causa por eles defendida ainda não está vitoriosa. É preciso com esses exemplos manifestar a força da luta, a consciência dos ideais, a coragem dos que estão nelas engajados. Convém lembrar, por outro lado, a atitude criminosa dos exploradores e entender outros tipos de assassinatos não cruentos realizados diariamente contra os índios".

Marcos Frederico (professor de literatura da UA) "O assassinato do pe. Rodolfo e do índio Simão não é um fato isolado. Ele se enquadra no terrível momento atual porque passa a Humanidade, em que as poderosas forças conservadoras caluniam, silenciam, matam todos os que se dispõem a lutar por uma causa justa".

CIMI: TRANSFORMAÇÃO

"O caso de Meruri não é um caso isolado. Existe, no Brasil, mais de 700 mil posseiros ameaçados como os índios, em seu direito à terra. Eles se situam entre os 10 milhões de famílias de trabalhadores rurais brasileiros sem terra. Por isso, vemos o problema das áreas indígenas situado no contexto mais amplo da distribuição irracional da terra em nosso país. Só com uma radical e profunda transformação da estrutura agrária brasileira, que beneficie a todos os trabalhadores rurais sem terra, será possível abrir o caminho para o reconhecimento pacífico do direito do povo indígena à terra. O choque entre posseiros e indígenas é pequeno. Os maiores problemas são causados pela invasão das terras indígenas pelas grandes companhias pecuárias, madeireiras, e mineradoras, multinacionais e nacionais".

J. BARBOSA
GERALDO LOPES

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: Porantim
Data: agosto/79
Pg.: 6
Class.: 74